

João Batista do Carmo Silva

Organizador

UNIVERSIDADE, FORMAÇÃO E TRABALHO

**implicações do isolamento social na rotina
dos(as) estudantes do curso de Pedagogia**



Pantanal Editora

2020

JOÃO BATISTA DO CARMO SILVA
(Organizador)

UNIVERSIDADE, FORMAÇÃO E TRABALHO

implicações do isolamento social na rotina
dos(as) estudantes do curso de Pedagogia



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora e Canva.com
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI

- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
U58	<p>Universidade, formação e trabalho [recurso eletrônico] : implicações do isolamento social na rotina dos (as) estudantes do curso de pedagogia / Organizador João Batista do Carmo Silva. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 111p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-88319-07-9 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319079</p> <p>1. Educação. 2. Universidade. 3. Isolamento social. 4. Pandemia. I. Silva, João Batista do Carmo.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
 Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra socializa um conjunto de reflexões sobre as implicações do isolamento social derivado da crise de saúde pública provocada pela pandemia do novo coronavírus na vida universitária dos (as) estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, da Universidade Federal do Pará.

Trata-se de uma investigação desenvolvida coletivamente por um grupo de pesquisadores, constituído por professores (as) e discentes, que reflete acerca do desafio de fazer pesquisa, no presente contexto, sobre o perfil socioeconômico dos (as) estudantes, sobre a função social da universidade, sobre as ações estatais e as políticas públicas implementadas para enfrentamento da pandemia, sobre as implicações no trabalho e na renda, assim como sobre as implicações para o processo formativo desses (as) discentes.

O leitor vai encontrar nesta obra a socialização de um conjunto de reflexões, subsidiadas a partir de um banco de dados produzido por meio de questionário eletrônico aplicado a 178 estudantes do Curso de Pedagogia, além de ponderação fundamentada em autores de base crítica, defensores de uma concepção de educação ampla e humanizadora.

A pandemia explicitou as profundas contradições que estruturam o modo de produção capitalista, principalmente nos países inseridos no contexto de exploração, como é o caso específico do Brasil. Além disso, a pandemia desafia em todos os sentidos, seja do ponto de vista individual e coletivo, atingindo de forma mundial as populações, as instituições e as pessoas. Contudo, as proporções desses impactos foram diferenciadas, considerando as condições econômicas, sociais e culturais de cada indivíduo, ou coletivas. Esta obra demonstra, portanto, essas implicações sobre um coletivo de sujeitos formado por estudantes do Curso de Pedagogia de uma universidade pública.

Vive-se tempos de incertezas, onde a produção do conhecimento por meio da pesquisa pode ajudar a construir caminhos coletivos, para que se possa pensar alternativas para a transformações das práticas formativas, no sentido de que elas, por meio de um processo praxiológico, oriente no sentido de uma sociedade cada vez mais humanizadora.

Desejamos boa leitura a tod@s!!!

João Batista do Carmo Silva


SUMÁRIO

Apresentação	5
Capítulo I	6
Universidade e pesquisa: Os desafios teórico-metodológicos da investigação	6
Capítulo II	17
O perfil socioeconômico dos estudantes do curso de pedagogia da UFPA/CAMETÁ.....	17
Capítulo III	34
Função social da universidade no interior da Amazônia em tempos de pandemia	34
Capítulo IV	51
Estado, políticas públicas e suas implicações na saúde e na vida dos (as) estudantes da pedagogia.....	51
Capítulo V	71
Implicações do isolamento no trabalho e renda: analisando a exclusão dos trabalhadores e as contradições do capital.....	71
Capítulo VI	88
Implicações do isolamento social no processo formativo em tempos de pandemia	88
Sobre os Autores	105
Índice Remissivo	110

Implicações do isolamento social no processo formativo em tempos de pandemia¹


Recebido em: 10/08/2020


Aceito em: 18/08/2020

 10.46420/9786588319079cap6

João Batista do Carmo Silva² 

Benilda Miranda Veloso Silva³ 

Madson Jesus Farias Trindade⁴ 

Cheliane Estumano Gaia⁵ 

INTRODUÇÃO

Investigar o processo formativo remete a uma análise sobre o dinamismo da socialização do conhecimento construído historicamente e o desenvolvimento de estratégias e habilidades, a fim de continuar aprendendo e construindo novos conhecimentos, a partir daqueles que foram construídos por outros sujeitos que estão em relações sociais de reciprocidade.

Por outro lado, neste contexto de pandemia, com a suspensão das aulas presenciais, explicitaram-se ainda mais as desigualdades inerentes aos processos formativos, sob a lógica do capital. Entretanto, nesse momento de isolamento social, esse movimento de exclusão radicaliza-se ainda mais, considerando-se a exigência cada vez mais de equipamentos e tecnologias da informação e comunicação, além de uma boa estrutura de rede para manter-se conectado, a fim de construir e socializar conhecimentos e manter-se conectado com o mundo.

Este artigo tem como objetivo analisar as implicações do isolamento social no processo formativo dos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de

¹ A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos (SANTOS, 2020, p. 07).

² Doutor em Educação. Docente da Faculdade de Educação do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, da Universidade Federal do Pará. E-mail: jbatista@ufpa.br.

³ Doutoranda em Educação PPGE/FAE/UFMG, Técnica em Educação da Secretaria do Estado do Pará. SEDUC/Pa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. E-mail: bveloso@ufpa.br.

⁴ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. E-mail: madsonjftrindade@gmail.com.

⁵ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia e bolsista de Extensão/Eixo Transversal. E-mail: shelianegaia@gmail.com.

questionário semiestruturado, com a participação de 178 sujeitos, aplicado em maio de 2020. Analisaram-se os dados coletados, fundamentados em Castells (2005), Adorno e Horkheimer (1947), Arruda (2020), Santos (2020), entre outros, por meio da análise de conteúdo.

Os resultados obtidos mostram que 95,51% dos discentes do Curso de Pedagogia estão conectados (as) por meio do celular. Suas principais fontes de informações são as redes sociais e a televisão, além do que estão realizando atividades educativas por meio remoto, o que explicita um grande desafio, pois a maioria desses estudantes não tem suporte para desenvolverem essas atividades, sejam computadores ou o acesso à internet de qualidade, considerando que um número muito significativo só consegue acessar a internet por meio de dados móveis, com baixa capacidade de conectividade, impactando negativamente no desenvolvimento do seu processo formativo. Houve, ainda, impacto nos momentos recreativos dos estudantes, haja vista que, com o isolamento social, as atividades de lazer são desenvolvidas dentro de suas próprias casas, seja assistindo filmes, jornais, novelas, *lives* e etc. Portanto, conclui-se que os impactos do isolamento social afetam diretamente as rotinas, assim como os processos formativos, pois os desafios presentes neste período de isolamento exigem equipamentos, acesso e habilidade para domínio das TIC's, o que não se aplica a todos os discentes, ocasionando, assim, uma desigualdade nessas formas de acesso ao mundo digital.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento, apresenta-se a discussão sobre os recursos tecnológicos e os desafios para o processo formativo acadêmico em tempos de pandemia, e destaca-se os aspectos do acesso às TIC's e aos dados móveis para o processo de conectividade; no segundo momento, faz-se um debate sobre as atividades educacionais, culturais e recreativas, além de uma análise sobre as atividades desportivas realizadas durante a pandemia pelos estudantes do Curso de Pedagogia.

Recursos tecnológicos e conectividade: os desafios para o processo formativo em tempos de pandemia

A educação brasileira é compreendida como a síntese de múltiplas determinações, dentre as quais destacam-se os fatores históricos, econômicos, políticos, sociais, culturais, ideológicos, epistemológicos, educacionais, entre outros. Nesse sentido, Pimenta (2005) argumenta que a educação não só retrata e reproduz o contexto social, mas projeta a educação enquanto uma meta da sociedade. Ou seja, trata-se de práticas educativas pautadas, historicamente, no desafio de responder às problemáticas que a sociedade lhes coloca.

O homem é fruto das relações sociais, mas em tempos de pandemia e isolamento social, essas relações deixam de ser “presenciais”, “físicas” e passam a ocorrer por meio “remoto”, “virtual”. Se o ser humano se forma nas relações sociais com os outros, pode-se dizer que também aprende a ser

humano nesse processo constante e permanente de aprendizagem coletiva. Mas, como ocorre esse “processo formativo” de aprender a humanizar-se por meio das relações sociais em tempos de pandemia? Considerando que a humanização se constitui em processo permanente de ensino-aprendizagem, Santos (2020) fala desta dificuldade de pensar e teorizar sobre essa nova realidade.

A geração que nasceu ou cresceu depois da Segunda Guerra Mundial habituou-se a ter um pensamento excepcional em tempos normais. Perante a crise pandêmica, têm dificuldade em pensar a exceção em tempos excepcionais. O problema é que a prática caótica e esquiva dos dias foge à teorização e exige ser entendida em modo de subteorização. Ou seja, como se a claridade da pandemia criasse tanta transparência que nos impedisse de ler e muito menos reescrever o que fôssemos registando no ecrã ou no papel (Santos, 2020).

Utiliza-se o conceito de processo formativo por se constituir em um processo contínuo de formação escolar ou não escolar, que envolve atividades laborais, educacionais (práticas educativas, práticas pedagógicas e práticas docentes), culturais, recreativas e desportivas, etc., realizadas pelos discentes em tempos de pandemia.

Franco (2012), ao analisar o conceito de prática pedagógica, explicita que se faz necessário definir, também, o conceito de prática educativa e de prática docente, compreendidas como três dimensões relacionadas entre si, reciprocamente estruturadas, mas com suas especificidades. Para essa autora, as “práticas educativas” são aquelas que ocorrem para a concretização de processos educacionais. A “prática pedagógica”, por sua vez, é aquela que se organiza intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social. Essas práticas se materializam por meio das “práticas docentes” que se exercem com finalidade, planejamento, acompanhamento, vigilância crítica e responsabilidade social. Ou seja, estruturam-se em relações dialéticas pautadas nas mediações entre as suas especificidades e a complexidade do processo como um todo.

Em outros termos, pode-se sintetizar, fundamentando-se em Franco (2012), que a prática pedagógica se realiza através de sua ação científica sobre a práxis educativa, visando compreendê-la, torná-la explícita a seus protagonistas, transformá-la, através de um processo de conscientização de seus participantes, dar-lhe suporte teórico, teorizar com os autores, buscar encontrar, em sua ação, o conteúdo não expresso de suas ações.

Em outros termos, pode-se identificar como uma práxis social, resultante de um movimento teórico-prático de desvelamento do real e de construção de novos conhecimentos sobre as práticas existentes, na perspectiva de construção de novos conhecimentos oriundos dessa experiência educativa. O contexto histórico atual tornou essa realidade ainda mais complexa.

O contexto de isolamento social, neste momento de pandemia da Covid-19, exigiu cada vez mais o uso das TIC's nas atividades cotidianas, desde as pequenas tarefas até as mais complexas. No

que tange aos processos formativos acadêmicos, exigiu-se, ainda, um protagonismo dos estudantes para planejarem, executarem e avaliarem as suas ações formativas dentro de casa, assim como requereu recursos tecnológicos para tal.

Nesse sentido, com a suspensão das aulas presenciais, os estudantes tiveram que mudar, bruscamente, a rotina da universidade para a casa e continuar o processo formativo com as condições individuais e/ou familiares que possuem.

Com esta pesquisa, pode-se entender que a disponibilização de recursos tecnológicos atende a 66,54 % dos estudantes, os quais tem acesso via celular, enquanto 26,54% dos discentes fazem uso de notebook. De outro modo, 5,77 % dos estudantes utilizam computadores, ao que 0,77% acessam a rede por meio de tablets. Sem acesso nenhum a recursos tecnológicos estão 0,38% dos estudantes pesquisados, como demonstra o gráfico. Tais dados revelam que os recursos tecnológicos disponíveis para esses estudantes não atendem às necessidades de uma atividade acadêmica na sua completude.

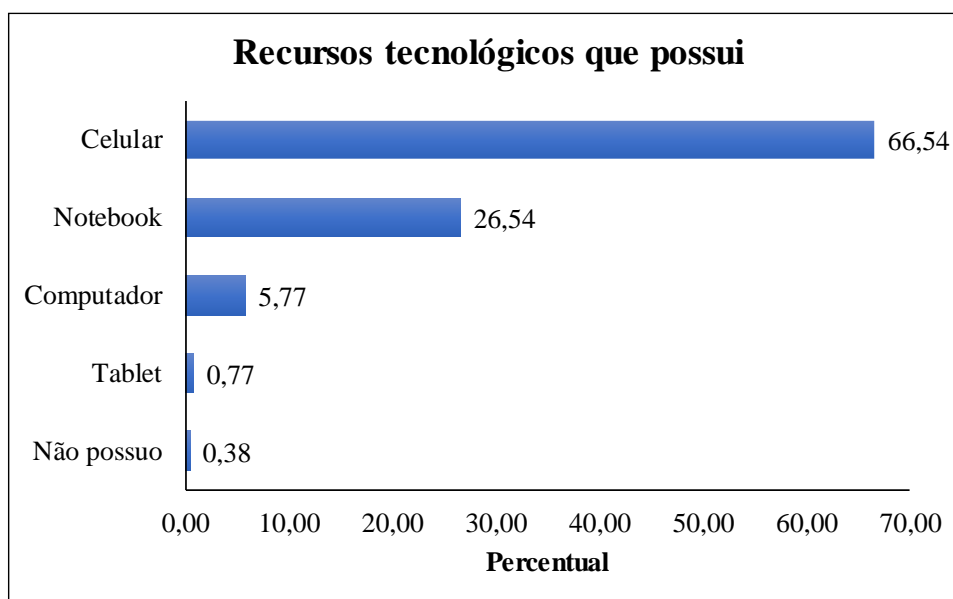


Gráfico 1. Percentual dos recursos tecnológicos utilizados pelos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, no ano de 2020. Fonte: Silva et al. (2020).

Analisar o processo formativo por meio dos recursos tecnológico, neste contexto, é crucial, haja vista a impossibilidade da presença de professor e discente em sala de aula. Implica nesse processo a retirada de ambos do interior de um ambiente institucionalizado e presencial, para outro ambiente, este virtual, digital e remoto, no qual a mediação da tecnologia exige dos estudantes um certo protagonismo na produção de seu próprio conhecimento. Para isso, exige-se a utilização de diversos equipamentos, a fim de alavancar o seu conhecimento, como mostra o gráfico.

Dentre os recursos utilizados pelos discentes, o uso do celular é o que se faz mais presente, o que se pode inferir por conta de duas vertentes: a primeira se refere à sua mobilidade e portabilidade; a segunda se dá por conta de seu custo/benefício em relação a outros equipamentos, que são mais caros.

O aparelho celular apresenta inúmeras vantagens, englobando os cinco paradigmas destacados na obra de Castells (1999), que são a informação, a penetrabilidade, a lógica de redes, a flexibilidade e a convergência, elementos esse inerentes à caracterização da internet, e que estão presentes nos aparelhos celulares, acrescidos da sua portabilidade. No entanto, ele também possui uma característica peculiar, que é a distração provocada sobre quem o usa. Ademais, utilizar o aparelho celular para possibilitar a aprendizagem tem suas lacunas, principalmente no que tange à realização de muitas atividades, como pesquisa, digitação de texto, análise de dados por meio de gráficos e tabelas, etc., as quais ficam muito prejudicadas se realizadas nesse tipo de aparelho.

Aprofundando essa reflexão, Arruda (2020) mergulha em uma análise sobre as especificidades do celular, no que tange ao seu uso em práticas educativas.

[...] uma das críticas que se coloca quanto ao uso do celular para acesso à informação diz respeito ao tamanho da tela e impossibilidade de se efetuar leitura de documentos. Esse é um problema mais relacionado à compatibilidade dos arquivos de conteúdo ao caráter flexível de aumento de tamanho das fontes do que da limitação do aparelho, propriamente dito. Arquivos em formato PDF, por exemplo, não são flexíveis e não se adaptam ao tamanho da tela. Já arquivos no formato *epub* permitem a ampliação automática ou manual do tamanho do texto para atender a demandas visuais do usuário (Arruda, 2020).

Isso significa que apenas 32,31% desses estudantes possuem recursos adequados (notebook e computadores) para a realização de suas atividades acadêmicas em suas casas, em tempos de isolamento social. Esse elemento fica explícito na fala do estudante 97, o qual alega que a falta de computadores e, concomitante a isso, a falta de conectividade de qualidade não contribui para que as suas atividades sejam exercidas de forma completa: *“afeta de forma que não tenho computador em casa e necessito usá-lo para poder realizar meus trabalhos acadêmicos e necessito também de internet, ferramentas essas que eu tinha à disposição no Campus”*.

Outro aspecto a ser mencionado refere-se ao dado de que 0,38% dos estudantes não possuem nenhum recurso tecnológico para acesso à internet, isso sem contar o 41,6% de estudantes do Curso de Pedagogia que sequer teve condições de participar da pesquisa. Pensando-se pelo viés quantitativo, esse número é muito baixo, significando que um número muito pequeno de estudantes utiliza recursos de outrem para acesso. No entanto, observando-se pelo lado da inclusão digital, ou mesmo da concepção de educação remota apresentada no Parecer nº 05/2020, do Conselho Nacional de Educação, que possibilita a realização de atividades remotas enquanto permanecer o período da pandemia, esses discentes que não possuem nenhum recurso tecnológico ficarão afastados do processo de formação, aumentando ainda mais uma exclusão digital já presente.

Diante dos impactos da pandemia na educação, o Parecer CNE/CP nº 5/2020 enfatiza que essa situação leva a um desafio significativo para todas as instituições ou redes de ensino de Educação Básica e Ensino Superior do Brasil, em particular quanto à forma como o calendário escolar deverá ser reorganizado. É necessário, afirma o Parecer, considerar propostas que não aumentem a desigualdade, ao mesmo tempo em que utilizem a oportunidade trazida por novas TDICs para criar formas de diminuição das desigualdades de aprendizado (Brasil, 2020). Essa afirmativa é contraditória considerando as desigualdades de acesso.

A partir desses dados, os estudantes do Curso de Pedagogia teriam dificuldades em participar, ocasionando ainda mais o processo de desigualdade e exclusão digital que, de acordo com Castells (2005), ocorre de três formas:

Um excluído digital tem três grandes formas de ser excluído. Primeiro, não tem acesso à rede de computadores. Segundo, tem acesso ao sistema de comunicação, mas com uma capacidade técnica muito baixa. Terceiro, (para mim é a mais importante forma de ser excluído e da que menos se fala) é estar conectado à rede e não saber qual o acesso usar, qual a informação buscar, como combinar uma informação com outra e como a utilizar para a vida (Castells, 2005).

A análise realizada por Castells (2005) é a realidade de muitos estudantes do Curso de Pedagogia, conforme demonstram os dados. Essa reflexão se faz necessária considerando a dificuldade enfrentada pelos discentes nesse processo de acesso ao mundo virtual, no tocante às três formas de serem excluídos.

Entretanto, pode-se entender que esses acessos e usos, por si só, não garantem a efetivação do processo formativo dos sujeitos, no sentido estreito da utilização de recursos tecnológicos de informações.

As informações desenfreadas causam frustrações nos usuários, os quais muitas vezes não sabem o que acessar ou como acessar, de forma que venha a surtir efeitos positivos no seu processo formativo, uma vez que não há uma formação para além da instrução técnica quanto ao uso do aparelho celular como uma forma crítica de analisar as informações, a fim de não apenas reproduzir as notícias diárias.

A análise crítica dos dados faz refletir que somente o acesso a um recurso tecnológico não garante, ao estudante, uma formação com qualidade social que busque um processo de emancipação, que seja crítica, visando à transformação de sua realidade, ou mesmo que seja capaz de se torná-lo protagonista da construção do conhecimento.

Segundo as informações da pesquisa “TIC Domicílios 2019”, o mais importante levantamento sobre acesso a tecnologias da informação e comunicação, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil, três em cada quatro brasileiros acessam a internet, o que equivale a 134 milhões

de pessoas. Conforme o estudo, 74% dos brasileiros acessaram a internet pelo menos uma vez nos últimos três meses. Outros 26% continuam desconectados. Em relação ao dispositivo, os smartphones e outros aparelhos móveis são as ferramentas mais comuns para se conectar (99%), seguidos dos computadores (42%), das TVs (37%) e dos videogames (9%). A alternativa por televisores cresceu 7%, de 2018 para 2019, apresentando um novo recurso para a conexão. Pode-se considerar que o acesso às redes de internet tem aumentado entre os estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, como pode se observar no Gráfico 2:

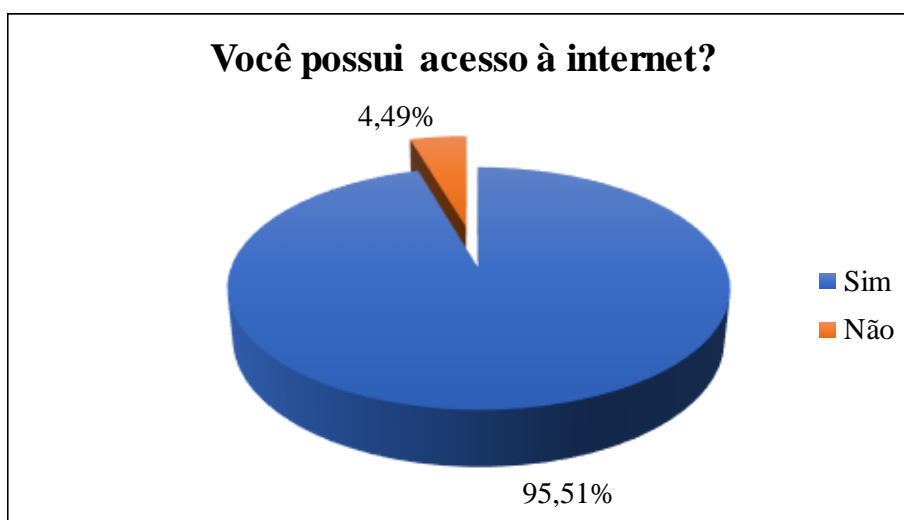


Gráfico 2. Percentual de acesso à internet pelos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, no ano de 2020. Fonte: Silva et al. (2020).

Os estudantes que responderam os questionários são os 95,51% que possuem internet. Isso não garante eles estejam realizando processos formativos. Podemos entender que os 127 estudantes que não participaram do preenchimento do questionário atribuem-se à falta de acesso da internet e/ou equipamentos, assim como à ausência de habilidade para manusear os equipamentos, ou mesmo ao desinteresse em participar da pesquisa. Por outro lado, faz-se necessário destacar que os 4,49%, que participaram da pesquisa, mas que afirmaram não possuir internet, o fizeram utilizando internet em espaços públicos ou compartilhados por outras pessoas, como destaca o estudante 123: “[...] Com a paralisação da Universidade, perdi o acesso a equipamentos como computador e internet, que me ajudavam em ambas as tarefas”.

Esses dados sobre o acesso à internet por meio de dados móveis mostram, ao mesmo tempo, mobilidade e inclusão, mas esbarram nas questões relacionadas aos custos desses pacotes de dados. Sobre o acesso à internet na Região Norte, 72% dos consultados afirmam ter acesso à internet e, desse percentual, 55% ganham até 1 salário mínimo, gastando entre R\$30,00 a R\$150,00 para ter acesso à

internet. Constatase que os dados móveis de internet 3G ou 4G estão presentes em 48% dos domicílios, e que a banda larga chega a 38% deles. Considerando os aspectos da Região Tocantina, onde está localizada a maioria dos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, trata-se de uma região localizada entre ilhas e estradas, onde a viabilidade dos recursos de internet chega com bastante dificuldades de cobertura pelas redes de dados moveis, além de outras questões de equipamentos insuficientes para dar conta do território, o que torna os produtos ainda mais caros para os usuários, além de problemas relacionados à cobertura.

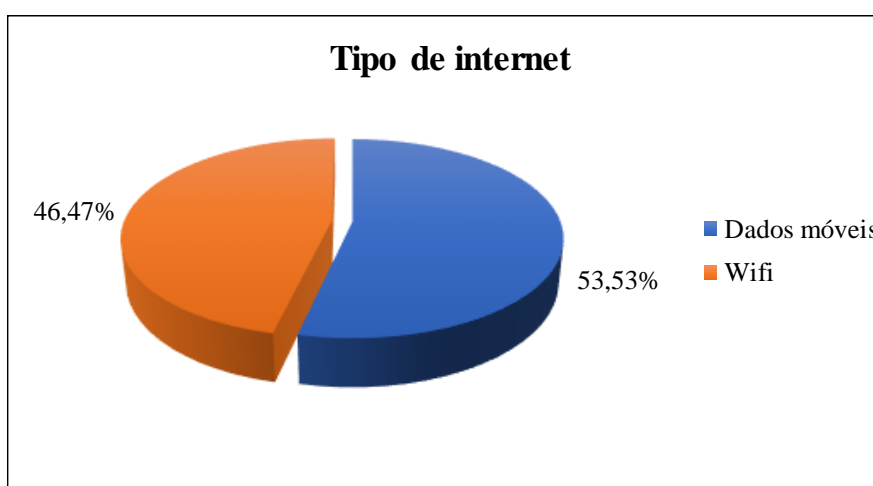


Gráfico 3. Percentual do tipo de internet utilizada pelos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, no ano de 2020. Fonte: Silva et al. (2020).

Cabe refletir sobre os seguintes aspectos: 58,4% dos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá participaram desta pesquisa. Isso demonstra que, seja por meio de dados móveis ou wi-fi em suas residências, ou mesmo em locais públicos de acesso coletivos, esses sujeitos conseguem acesso à internet. Esse número de pessoas que acessam a internet pode se dar pelo compartilhamento a partir de equipamento de outras pessoas, familiares ou públicas. Mesmo com acesso à internet, cabe ainda questionar a qualidade deste, pois o estudante 83 destaca que a impossibilidade da vivência acadêmica na universidade dificultou o seu acesso à internet, uma vez que *“afetou diretamente a maneira de fazer pesquisas quando relacionada ao acesso à internet, pois é um grande desafio para mim fazer pesquisas usando dados móveis limitado, o que muitas vezes não consegue carregar as páginas”*. Essa realidade não se restringe somente ao entrevistado acima. Como bem demonstra o gráfico a seguir, essa é a realidade de muitos outros sujeitos.

Nesse sentido, 53% dos discentes utilizam os dados móveis para ter acesso à internet e para se manterem informados, enquanto 46% dos discentes utilizam internet via wi-fi, considerando que as prestadoras desse serviço na região não cobrem todo o território. A respeito das operadoras de dados

móveis, os planos de internet disponibilizados, segundo dados da Cetic (2019), possuem valores que variam entre R\$10 semanais e R\$ 100,00 mensais, sem, no entanto, considerar-se a região e os pontos de acessos.

Esses dados ressaltam a necessidade de defesa de políticas públicas de acesso gratuito à internet no Brasil, o que seria fundamental para a inclusão social de um percentual muito significativo de sujeitos. Pressupõe-se essa como uma condição fundamental para o acesso à informação e ao conhecimento, que são bens culturais construídos historicamente pela humanidade, tanto neste período como, também, em momentos sem pandemia.

Tendo em vista que na era digital de informações há a necessidade de se estar conectado, a fim de suprir as necessidades de trabalho, estudos, entretenimento, compras, entre outros serviços que necessitam de internet, o que se torna uma facilidade para uns, para outros trata-se de uma forma de bloqueio que inviabiliza a sua participação social. Por isso, tem se intensificado a defesa à democratização da internet, para que mais indivíduos tenham acesso às informações.

Outra análise importante de realizar refere-se à busca, seleção e ao acesso às informações e ao uso das fontes utilizadas pelos estudantes do Curso de Pedagogia. Demonstra-se, portanto, através do gráfico 4, que os meios utilizados para se manterem informados representam 29,81% através das redes sociais e 29,62% através dos meios de televisão. Vale destacar, também, as outras variáveis que surgiram como respostas dos estudantes, onde 10,94% estão utilizando livros, 9,06% rádios, 5,28 revistas virtuais, 0,57% jornais impressos, 0,57% revistas impressas e 0,19% telefonemas.

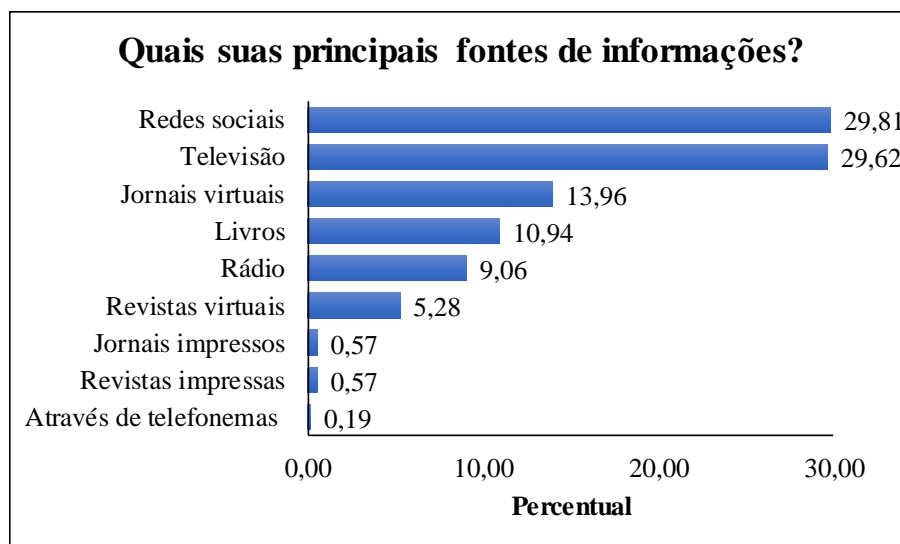


Gráfico 4. Percentual das fontes de informações utilizadas pelos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, no ano de 2020. Fonte: Silva et al. (2020).

Verifica-se que os discentes utilizam as redes sociais, assim como os meios de televisão como fontes de informação. Não se pode negar as contribuições desses meios para que ocorra o contato com

as mais diversas informações de qualquer parte do mundo e em qualquer lugar. Com esses meios os sujeitos ficam mais conectados, e sua diversidade aumenta as possibilidades de ampliação do acesso.

Ao mesmo tempo em que esses meios propiciam a busca por informação, fazem questionar a credibilidade das informações recebidas, as quais nem sempre são possuidoras de veracidade³, assim como ocorre uma luta política e ideológica por traz das emissoras de TV. Questionar o uso limitado dessas informações pelos estudantes através desses mecanismos faz-se necessário, visto que as tecnologias não são neutras. Elas são produções culturais resultantes do momento histórico em que se vive. Nesse sentido, podem servir para o processo de humanização ou desumanização, para orientação ou desorientação, para informação ou desinformação.

O aumento da circulação de notícias falsas na internet tem levantado expressões como “pós-verdade”, “fake news” e “desinformação”, fato que tem posto em xeque a veracidade e fidedignidade das informações dispostas na web, que acabam sendo combustível para elaboração de opiniões e pensamentos baseados em fatos não verídicos (Leite; Matos, 2017).

Constitui-se, como parte desse processo formativo, formar sujeito comprometidos com a produção e com a socialização de informações e conhecimentos que busque o esclarecimento, a humanização, assim como sujeitos que sejam capazes de identificar e impedir a divulgação de informações e conhecimentos que não sejam pautados na credibilidade e na ética.

Como demonstram Adorno e Horkheimer (1947), faz-se necessária a produção de informação para segmentos específicos da sociedade, considerando o “nível educativo e cultural das pessoas”, com a intencionalidade desumana de as manipular e dominar.

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O facto de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De facto, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade (Adorno; Horkheimer, 1947).

Fundamentando-se em Adorno e Horkheimer (1947), pode-se problematizar o conceito de “indústria cultural” entendido como o processo de produção e reprodução de bens culturais de massa, considerando a contraditoriedade do papel das técnicas nas relações sociais.

Nesse sentido, compreende-se que a universidade é um importante instrumento, às vezes o único meio que contribui para o processo de informação e formação dos estudantes, sendo eles grandemente influenciados pelo meio em que estão inseridos, e pelos recursos que utilizam. Assim, as

³ “Surgem, então, as *fake news*, informações falsas no formato de notícias, veiculadas em grande parte na internet, mais especificamente em redes sociais, como por exemplo o Whatsapp” (Gagnani, 2018, p. 73).

fontes de informações utilizadas podem servir tanto para contribuir no processo formativo desses estudantes, na perspectiva da socialização e produção de novos conhecimentos, quanto para alienar, além de ocasionar uma forte exclusão àqueles que não têm oportunidades ou condições de acesso a esses meios, aumentando, assim, as desigualdades digitais.

Dimensões do processo formativo dos estudantes do Curso de Pedagogia em tempos de pandemia: atividades educacionais, culturais, recreativas e desportivas

Impulsionando-se por uma concepção de educação humanizadora, que tem como objetivo a superação da formação cognitivista, técnica, instrumental e fragmentada, indo em busca de uma educação que proponha a formação ampliada do indivíduo, na perspectiva da Pedagogia Freireana (Freire, 1996), faz-se necessário refletir sobre as atividades realizadas pelos estudantes do Curso de Pedagogia, analisando como as mesmas contribuem para o seu processo formativo, este marcado, em tempos de pandemia e de isolamento social, pela presença do virtual.

A atividade discente de estudo envolve a produção objetiva de algo que tenha sentido para o sujeito, o qual, mobilizado por uma necessidade, identifica e compreende os objetivos da tarefa a ser realizada, que pressupõe a organização, a autoavaliação e a autorregulação das ações. Nesse sentido, destaca-se a fala do estudante número 3, o qual ressalta as implicações da pandemia em sua vida acadêmica, no que tange à ausência das atividades presenciais na universidade:

“Diretamente vem afetando na produção de conhecimento, na formação e comunicação social. É preciso que para efetivar os estudos de forma coesa faz necessário a mediação do professor, nesses modelos nos estudantes ficamos de algum modo “perdidos” em busca de estudar algo e não saber como ou de que maneira fazê-los diante das fontes e explicações, do mais é aquela “coisa”, como saber se estamos certos ou errados sem a comunicação adequada com os professores” (Estudante 3, 2020).

Esse depoimento revela a concepção de processo formativo enquanto atividade educativa escolar, na perspectiva da educação formal, com as diretrizes curriculares, com os fundamentos teóricos e metodológicos mediados pelo professor em sala de aula. Por outro lado, revela a concepção de formação na universidade, para além da formação profissional e científica, atingindo uma dimensão política, humana, cidadã e ética.

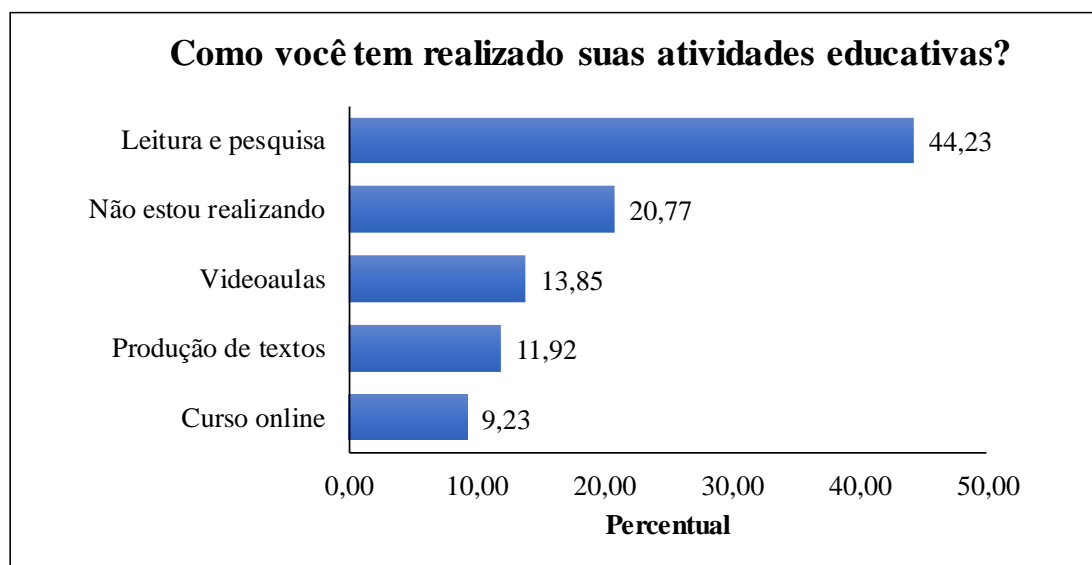


Gráfico 5. Percentual das atividades realizadas pelos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, no ano de 2020. Fonte: Silva et al. (2020).

Dentre as atividades efetuadas, ressalta-se que 44,23% realizam a leitura e a pesquisa como atividade educativas, 20,77% não estão realizando nada, 13,85% assistem a videoaulas, 11,92% estão produzindo textos acadêmicos e 9,23% realizando cursos on-line, como revela o gráfico a seguir. Dentre as importantes questões que são levantadas a partir do gráfico, questiona-se acerca do percentual de 20,77 % de discentes, os quais não estão realizando nenhuma atividade durante esse período. Na realidade, tais dados são preocupantes, uma vez que refletem diretamente a interrupção do processo formativo de alguns estudantes.

Ao analisar esses dados, pode-se inferir que algumas das atividades educativas realizadas pelos estudantes no contexto atual já eram utilizadas anteriormente à pandemia. Refere-se, aqui, às atividades realizadas fora no espaço da sala de aula, ou seja, àquelas que não são atividades de ensino. Dentro da ambiência acadêmica, tais estudantes já desenvolviam leitura, pesquisa, produção de texto, dentre outras atividades para a pesquisa acadêmica. Com a pandemia, essas atividades tiveram que ser reorganizadas para poderem ser desenvolvidas por meio remoto, a fim de manter a pesquisa, a leitura, as reuniões on-line, tendo em vista a necessidade emergente. Com isso, cada sujeito tornou-se responsável pelo seu próprio processo formativo, apesar de que a UFPA continuou, mesmo em tempos de suspensão as atividades presenciais, realizando um conjunto significativos de atividades acadêmicas por meio remoto. Assim, a internet ganhou grande significado em relação à atribuição de conhecimento, uma vez que é a partir dela que os sujeitos podem estar em contato com as diversas formas de conhecimento surgidas ou ressignificadas, como é o caso das *lives*, que ganharam grande impulso no cenário educacional, sendo através delas que milhares de educadores contribuem na construção do conhecimento.

Nesse sentido, pode-se entender que a pandemia do novo coronavírus tem mudado a rotina de todo o mundo, e exigido (trans) formações, emergindo desafios que repercutem nas experiências formativas dos estudantes do Curso de Pedagogia, os quais tiveram que reinventar e reorganizar atividades, a fim de continuarem o processo de formação com as condições que se apresentam em suas casas.

Com o isolamento social, os discentes tiveram que repensar as suas práticas, assim como as medidas tomadas para propiciar o processo educativo. Diante dos dados da análise, constata-se que um número muito significativo de estudantes (79,23%) está preocupado com as atividades educativas, ou seja, com o seu processo de formação durante o cenário pandêmico, e com isso procuram as mais diversas formas para estarem em contato com a produção do conhecimento, se autoeducando e se emancipando através dos meios disponíveis.

Partindo do pressuposto de que o processo formativo não ocorre somente na perspectiva da formação cognitiva, mas amplia-se para a dimensão social, política, emocional, motora, etc., pode-se afirmar que se faz necessário analisar, também, a dimensão cultural dos estudantes do Curso de Pedagogia em tempo de pandemia.

Para a análise desses dados, é importante, também, destacar as atividades recreativas que os mesmos estão desenvolvendo durante esse período, considerando que até mesmo essas atividades precisaram ser reformuladas para atender às exigências do isolamento social. Com isso, as recreações se dão de forma diversificada, como mostra o gráfico a seguir.

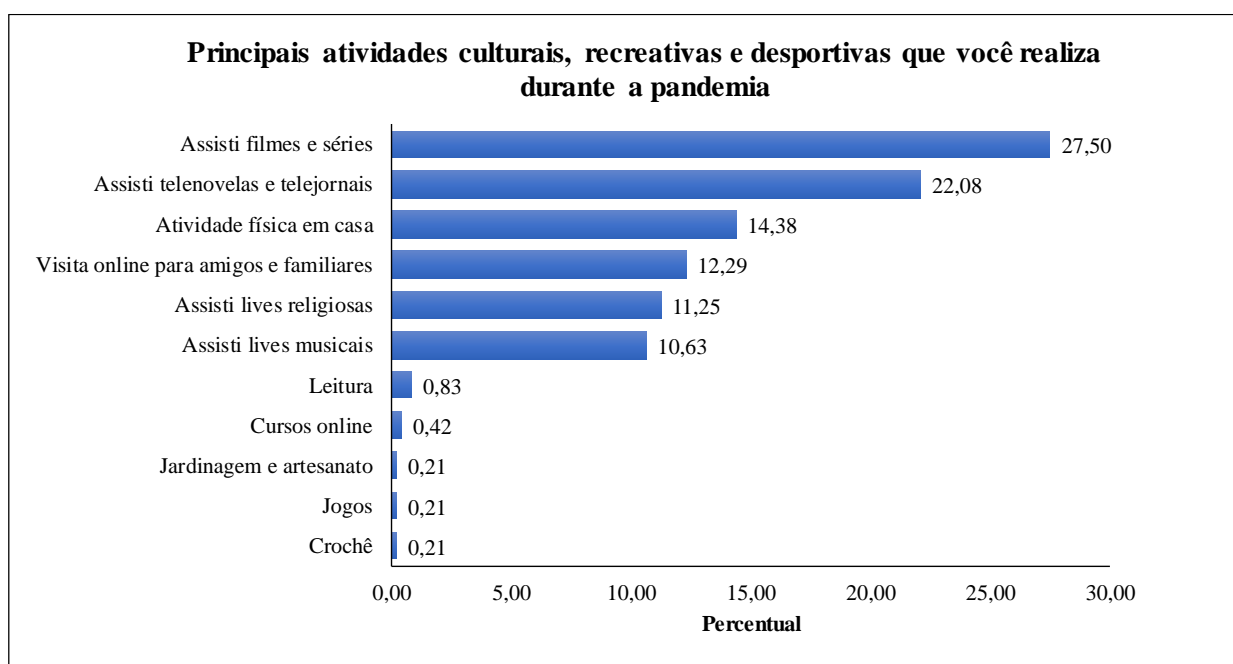


Gráfico 6. Percentual das atividades recreativas realizadas pelos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, no ano de 2020. Fonte: Silva et al. (2020).

Os dados revelam como os estudantes do Curso de Pedagogia realizam as suas atividades culturais, recreativas e desportivas em tempos de pandemia. Se juntar os 27,50% que assistem filmes, 22,08% que assistem telenovelas e telejornais, 11,25% que assistem *lives* religiosas e os 10,63% que assistem *lives* musicais, compreende-se que 71,46% dos discentes do Curso de Pedagogia utilizam a TV como seu principal meio de atividades culturais e recreativas. Somando-se, a esse percentual, os 12,29% que fazem visitas on-line para amigos e familiares, os 0,42% que fazem cursos on-line e os 0,21% que praticam jogos eletrônicos, atividades essas que são realizadas pelo computador, chega-se ao percentual de 84,38% dos estudantes que realizam as suas atividades culturais e desportivas por meio da TV ou do computador. Por outro lado, apenas 14,38% realizam atividades físicas em casa, enquanto 0,83% dedicam-se à leitura.

Pode-se inferir que as atividades apresentadas no gráfico 6 são dimensões do processo formativo, desenvolvido por esses estudantes em tempos de pandemia. São meios que mostram a amplitude de possibilidades de utilização dos recursos das TIC's, e que, contraditoriamente, demonstram também as dificuldades de utilização dos recursos tecnológicos no processo educativo.

Existe uma preocupação muito grande em relação à utilização excessiva da TV e do computador, o que pode levar a uma exposição à cultura de massa. Segundo Adorno (1999), a cultura de massa impossibilita o pensamento crítico e “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”. Isso se revela através de diversos grupos sociais, os quais se valem das culturas e das artes de acordo com uma lógica mercantilista, visando lucros, assim como representam uma indústria que objetivava um grande público, o qual venha a conhecer os seus produtos ofertados e, assim, tenha um desejo intenso de obter aquele produto em um curto período de tempo. Portanto, um processo formativo na perspectiva da humanização deve possibilitar a superação da subutilização do potencial educativo das tecnologias.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que os processos formativos em que os sujeitos perpassam são essenciais para entender os processos de informação e formação que os discentes estão tendo que usar diante do contexto atual, o que remete aos meios tecnológicos ou digitais, esses cada vez mais presentes na vida de cada um.

As contribuições dos espaços físicos no processo formativo ficam explícitas nas falas dos sujeitos pesquisados, onde eles destacam como esses espaços físicos são importantes para propiciar a construção do conhecimento e como a pandemia afetou o processo formativo. Ideias essas destacadas nas falas dos estudantes 13 e 41:

Retirou a possibilidade de consultar livros impressos na biblioteca, acessar wi-fi para pesquisas para meu TCC e me formar no prazo (Estudante 13, 2020).

Afeta diretamente, pois preciso da biblioteca do Campus para realizar as pesquisas de conclusão de curso (Estudante 41, 2020).

Com isso, pode-se entender que um dos espaços físicos citados pelos estudantes é a biblioteca, cuja ausência implica na impossibilidade de poder ter acesso a livros físicos, uma vez que os mesmos têm um grande custo, o que era suprido através do acesso permitido na biblioteca. Note-se, portanto, que essas respostas estão voltadas para um público específico, ou seja, estudantes em processo de construção do TCC. Com isso, a ausência desse tipo de mecanismo influencia decisivamente na produção acadêmica. Ainda no que tange às contribuições dos espaços físicos, os discentes 64 e 131 destacam que:

Devido à falta de recursos que eu utilizava diariamente na Universidade, como a biblioteca e a informática. Não tenho esses recursos em casa (Estudante 64, 2020).

Não tenho computador em casa e sempre que precisava utilizava do laboratório ou biblioteca da UFPA. E nesse período de TCC em que me encontro, as coisas ficaram mais complicadas (Estudante 64, 2020).

Os dados possibilitam inferir que os estudantes sentem as implicações negativas da pandemia, em relação a não poderem estar presentes nos espaços formativos que a universidade oferece, sendo esses meios, para alguns, as únicas possibilidades de que dispõem para desenvolverem as suas pesquisas. Diante da pandemia, com a paralisação das atividades presenciais, a tarefa de serem também sujeitos construtores de suas formações não tem sido fácil, mediante a escassez de recursos e as desigualdades de acesso.

Com a pandemia e conseqüentemente o isolamento social, muitos têm utilizado os recursos digitais para desenvolver as suas tarefas. Mas essa não é realidade de muitos. A intensa busca por esses meios aumenta, ainda mais, as desigualdades de acesso aos meios digitais, pois as tecnologias desse porte são caracterizadas com um alto desenvolvimento social. Com isso, uma grande parcela da população se encontra inserida em um contexto de exclusão, não somente em relação a não possuir os dados para acesso de qualidade, mas também em relação a não saberem manusear tais mecanismos com a intencionalidade pedagógica. Um dos fatores que contribuem para essa exclusão está no tipo do acesso, como explicitado no tópico anterior, onde 53,53% dos estudantes possuem a rede de dados móveis para se “conectarem”. No entanto, esses dados sofrem com as fragilidades dos dados limitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da tecnologia no processo formativo constitui-se como resultado do desenvolvimento das estratégias de humanização, o que pode ser ensinado e aprendido nas práticas sociais. Portanto, mesmo que a pandemia tenha elevado a necessidade do uso das tecnologias em todas

as atividades, sejam elas educativas ou não, os dados dessas pesquisas mostram que essa realidade já existia antes da pandemia e que provavelmente continuará existindo posteriormente, sem desconsiderar que se precisa aprender a aprender com a mediação dos recursos tecnológicos.

Vale ressaltar, por outro lado, conforme destacado neste texto, que a especificidade deste momento histórico irá agravar as desigualdades econômicas, sociais e educacionais no Brasil.

Os dados obtidos possibilitam entender que ainda existe uma subutilização no uso dos recursos tecnológicos no processo educativo. O grande volume de informações disponíveis indica que a produção do conhecimento tem avançado, apesar de que muitos conteúdos disponíveis na internet carecerem de uma análise mais aprofundadas de suas fontes de produção. Portanto, a semi-informação, ou a vinculação de notícias falsas (*fake news*) tem provocado problemas graves no processo formativo dos estudantes derivados do processo de intensificação da indústria cultural. A realização de práticas educativas que possibilitem a construção de estratégias de análises conscientes e críticas no que tange à busca da informação e produção de conhecimento deve ocorrer da melhor forma possível. Contudo, o pequeno percentual de sujeitos envolvidos em práticas de leitura e atividades físicas, como atividades culturais e recreativas, lança um alerta ao pensar os processos formativos em uma perspectiva ampla e humanizadora.

Faz-se necessário superar a ideia de que a simples presença dos recursos tecnológicos torna o processo educativo essencialmente eficaz. Existe, ainda, no âmbito do senso comum, ou de alguns sujeitos, a noção de que a presença do computador ou do telefone conectados à internet é a garantia da efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Essas ideias desconsideram a necessidade da construção de intencionalidades pedagógicas bem estruturadas, para que esses recursos produzam as contribuições que se esperam na educação dos estudantes.

Um dos maiores aprendizados talvez seja construir estratégias metodológicas no que tange ao uso pedagógico dos recursos tecnológicos, considerando que o uso da internet para entretenimento constitui uma estratégia mercadológica que potencializa a subutilização e dificulta as possibilidades da efetivação de práticas educativas.

Pode-se afirmar, enfim, com base neste estudo, que os professores e os estudantes precisam aprender a construir estratégias de aprendizagem com a utilização de recursos tecnológicos. As redes sociais e os conteúdos vinculados geram empecilhos para a concentração e para a produção profunda, no que tange ao processo ensino-aprendizagem. Portanto, seu uso deve ser precedido de forte processo formativo, este pautado no conhecimento crítico e criativo.

REFERÊNCIAS

- Adorno TW (1995). *Educação e emancipação*. 2º ed. Trad. de Wolfgang Leo Maar, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adorno TW, Horkheimer M (1947). *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Arruda EP (2020). Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Revista de Educação à Distância*, 7(1).
- Brasil (2020). *Parecer CNE/CP nº 5 de 28 de abril de 2020. Conselho Pleno/Conselho Nacional de Educação, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. MEC/CNE. Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> Acesso em: 22 de julho. de 2020*
- Castells M (1999). *Manuel. A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1.
- Castells M (2005). *O caos e o progresso. 2005*. Entrevistadora: Keli lynn Boop. Portal do Projeto Software Livre do Brasil. Disponível em: <<http://www.softwarelivre.org/news/3751>> Acesso em: 10 julho 2020.
- CETIC (2020). BR, indicadores sobre tecnologia de informações domiciliar. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso no dia 30 de junho de 2020.
- CGI.br/NIC.br (2019). Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019. In: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A/>
- Franco MARS (2012a). *Pedagogia e prática docente*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Freire P (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gragani J (2017). Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de informação: a desinformação e o caos informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 13: 2334-2349.
- Leite LRT, Matos JCM (2018). *Zumbificação da notícias falsas no WhatsApp*. BBC Brasil. Londres, 20 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>>. Acesso em: 4 jun. 2018.
- Pimenta SG (2006). Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta SG (org.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez.
- Santos BS (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Edições Almedina, S.A. Coimbra.

SOBRE OS AUTORES

BENILDA MIRANDA VELOSO SILVA

Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG). Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura (2012). Especialista em Informática e Educação pela Universidade do Estado do Pará (2004) e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2003). Professora Substituta da Universidade Federal do Pará- UFPA - Faculdade de Educação/FAED 2013- 2015 e 2018-2020. Professora colaboradora no Plano Nacional de Formação de Professores PARFOR/UFPA- FAED-Cametá (2013-2020); Especialista em Educação da Rede Pública Estadual (SEDUC-PA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação, Trabalho e Tecnologia (GETTE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá. Desenvolve pesquisa nas seguintes áreas: Educação, Tecnologia Educacionais, Tics e Cultura Ribeirinha, Educação a distância, Coordenação Pedagógica, Didática e formação Docente;

BRUNO HENRIQUE SILVA DA SILVA

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá. Voluntário no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE). Bolsista de extensão no programa Conexões de Saberes. E auxiliar na Assistência Estudantil da UFPA/CUNTINS Cametá (atual).

CHELIANE ESTUMANO GAIA

Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Colaboradora no grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá. E bolsista de Extensão/Eixo Transversal no projeto intitulado: Cursinho Popular Paulo Freire: uma construção coletiva e solidaria para o acesso à universidade, sob coordenação do Prof. Dr. João Batista Do Carmo Silva (2019-2020).

DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES

Doutor em Educação (UFPA, 2012). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (2005). Especialista em Língua Falada e Ensino do Português (2001) – PUCMG. Graduado em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (1992) e em Letras (habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (1999). Professor adjunto III da Universidade Federal do Pará. Coordenador do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (Atual). Ex-vice-coordenador do Campus Universitário do Tocantins/Cametá - UFPA (2006-2013). Ex-coordenador da área de Língua Portuguesa PARFOR da UFPA (2012-2015). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na

articulação entre Variação, Letramento, Educação, Movimentos Sociais e Política Linguística. Pesquisador na área de Trabalho, Educação e Movimentos Sociais, discutindo formação/qualificação dos trabalhadores, tanto em contextos informais como enquanto políticas públicas, bem como o trabalho como princípio educativo, saberes sociais e organização política dos trabalhadores no interior de atividades produtivas/culturais classistas na/da Amazônia. Pesquisa ainda: Juventude, formação e qualificação na escola básica; trabalho e formação de trabalhadores na educação básica; saberes sociais e escolarização de trabalhadores da escola básica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação – GEPTE, Instituto de Ciências da Educação/UFGA, do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagem Na Região Amazônica (GPHLRA), campus Universitário do Tocantins/Cametá. Coordenador do Projeto de Pesquisa Saberes do Trabalho da Pesca e Identidade de Juventude do Município de Cametá – Nordeste do Estado Pará, com financiamento pelo CNPQ – 2013-2016. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC - CAMPUS CAMETÁ/UFGA) e do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/ICED/ UFGA). Organizador dos livros Filosofia da Práxis e Didática da Educação Profissional, A Pesquisa em Trabalho, Educação e Políticas Educacionais, dentre outros. Organizador da Revista Trabalho Necessário, v. 16, n. 31 (2018): Trabalho e educação em comunidades tradicionais.

 **EGÍDIO MARTINS**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (2017). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará (2011). Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e orientação escolar, pela Faculdade Internacional de Curitiba. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2005). Professor Adjunto III da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE). Coordenador do Projeto Trabalho e Educação: práxis educativa e saberes dos jovens estudantes a partir do programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) em uma escola pública de Cametá. Na área Trabalho e Educação atua com os seguintes temas: o trabalho como princípio educativo, formação humana, juventude e ensino médio, saberes sociais, práxis política, educativa e produtiva nos espaços formais e não-formais e Movimentos sociais.

 **ERALDO SOUZA DO CARMO**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGED/UFGA, Linha de Pesquisa Políticas Educacionais. Mestre em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (UFGA/NAEA). Especialista em Planejamento do Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (UFGA/NAEA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (CUNTINS/UFGA). Professor adjunto II da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), Vinculado a Faculdade de Educação. Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), atua na linha de Pesquisa: Políticas e Sociedades. Associado da Rede Latino Americana de Estudios Epistemológicos en Políticas Educativas; a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE); a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do & no Campo da

Amazônia (GEPECAM). Realiza pesquisa na área de Educação do Campo, com ênfase em nucleação, financiamento e transporte escolar. Coordena o projeto de Pesquisa: Mapeamento do transporte escolar do campo: um estudo sobre as formas de contratação, definições de rotas e condições de segurança dos alunos das escolas ribeirinhas do Município de Limoeiro do Ajuru no Estado do Pará. Coordenador da Especialização Práticas Pedagógicas na Educação do Campo.

 **FRANCIELY FARIAS DA CUNHA**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFGA/Cameté), vinculada à linha de pesquisa sobre políticas e sociedades. Especialista em Gestão e Planejamento da Educação (FAED/UFGA/Cameté). Bacharel em Estatística (ICEN/UFGA/Belém) e graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (FAED/UFGA/Cameté). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do & no Campo da Amazônia (GEPECAM), do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFGA/CUNTINS Cameté, atuando nas áreas de Estatística e Educação.

 **GILMAR PEREIRA DA SILVA**

Possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005); Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002); Especialização em História da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (1993) e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (1992). Atualmente é Professor Associado IV e Vice-Reitor da Universidade Federal do Pará. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura-PPGEDUC (Mestrado) do Campus de Cameté e no EducaNorte (Doutorado em Educação na Amazônia). Tem experiência na área de Políticas Públicas Educacionais, com ênfase em Trabalho e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Trabalho, Educação, Educação Profissional, Educação do Campo, Movimentos Sociais e Educação; Educação Superior e Educação e Desenvolvimento Regional. É associado as seguintes entidades Acadêmico-científicas: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED); Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC); Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação (ANPAE). Coordenou o Campus do Tocantins/Cameté-UFGA (2006-2014) Foi Secretário Municipal de Educação no Município de Cameté- Pará.

 **JOÃO BATISTA DO CARMO SILVA**

Doutor em Educação na linha de Políticas Públicas Educacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGA (2016). Mestre em Educação pela UFGA (2009). Especialista em Educação Ambiental pela UFGA (2004). Pedagogo pela UFGA (2003). Professor adjunto II da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), vinculado à Faculdade de Educação. Eleito para a Direção da Faculdade de Educação do Campus de Cameté – UFGA para o período de 2017-2019 e reeleito para o período de 2019-2021. Já atuou como Coordenador Pedagógico na SEMED – Cameté (2003-2004), Coordenador do Campus Universitário do Tocantins – Cameté - UFGA (2004-

2006) Coordenador de Integração Regional (COINTER) da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) - (2008-2010), Coordenador de Área da Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência -PIBID (2012-2013) (2020-2021), Coordenador Local do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR – Campus de Cametá – UFPA (2016-2017), Professor-orientador do Programa Residência Pedagógica (2018-2020). Coordenador do Curso de Especialização Gestão e Planejamento. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPTÉ–UFPA), Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. Membro da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Coordena o projeto de Pesquisa: "DA ESCOLA PÚBLICA À UNIVERSIDADE PÚBLICA: acesso e permanência nos cursos de graduação do Campus de Cametá – UFPA". Coordena o projeto de Extensão "Programa de Formação de Conselheiros Escolares das Escolas Públicas de Ensino Médio da Região do Baixo Tocantins" e o Projeto de Extensão "Cursinho Popular Paulo Freire: uma construção coletiva e solidária para o acesso à universidade". Realiza pesquisa na área de Trabalho e Educação, Universidade, Gestão da Educação Básica e Superior e Educação Popular. Autor do livro "Universidade e Trabalho na Amazônia" e organizador dos livros "Ensino Médio Integrado na Amazônia: Entre o investido e o desinvestido", "PARFOR: Práxis Amazônicas na formação de professores da Educação Básica", entre outros.

MADSON JESUS FARIAS TRINDADE

Formação Profissional de Assistente Administrativo, certificado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Departamento Regional do Pará (2018). Prática em Ambiente Laboratorial ou Empresarial na Construtora e Incorporadora RESECOM (2018), como Jovem Aprendiz e Assistente Administrativo na área de Fundamentos de Administração de Recursos Humanos, Organização e Arquivamento, Planejamento e Organização do Trabalho. Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINGS Cametá.

MARLANJE SOLENE FERREIRA

Formação profissional de Técnica em Enfermagem pelo Instituto César Melo/Cametá (2011). Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Bolsista de pesquisa pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (2018-2019). Bolsista de extensão pelo Programa Navega Saberes/Infocentro (2019-2020). Bolsista do Projeto de Extensão intitulado: Programa de Formação de Conselheiros Escolares das Escolas Públicas de Ensino Médio da região do Baixo Tocantins, vinculado ao Programa Navega Saberes/Infocentro, sob coordenação do Prof. Dr. João Batista do Carmo Silva (atual). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINGS Cametá.

 **RUTH LISBOA PANTOJA**

Graduada em Alimentos pela Universidade do Estado do Pará (UEPA, 2014). Pós-graduada em Gestão da Segurança de Alimento (2017) pelo SENAC. Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. E integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá.

ÍNDICE REMISSIVO

A

acadêmico, 15, 18, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 42,
46, 47, 50, 89
atividade, 7, 10, 13, 19, 47, 48, 62, 71, 73, 81,
91, 98, 99

C

Cametá, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 44, 49, 50, 51, 52,
53, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 64, 66, 71, 74, 75,
77, 78, 79, 80, 82, 84, 88, 91, 94, 95, 96, 99,
100, 105, 106, 107, 108
contradição, 54
coronavírus, 6, 13, 15, 18, 52, 53, 54, 55, 57,
58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 74, 75, 76,
77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 100
crise, 8, 9, 10, 17, 18, 24, 53, 54, 55, 57, 61, 62,
63, 64, 65, 67, 74, 78, 79, 80, 84, 85, 87, 90
culturais, 7, 8, 10, 15, 17, 20, 21, 26, 34, 48, 68,
89, 90, 96, 97, 98, 101, 103, 106
CUNTINS, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 52, 55, 56,
57, 59, 60, 64, 66, 82, 105, 106, 107, 108

D

desafio, 48, 49, 62, 65, 89, 93, 95
desafios, 6, 7, 8, 14, 15, 26, 29, 32, 37, 64, 74,
75, 77, 82, 85, 89, 100
desigualdade, 10, 26, 66, 72, 74, 79, 80, 89, 93

E

estudante, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 67,
92, 93, 94, 95, 98

F

função social, 15, 29, 35, 36, 37, 39, 40, 45, 48,
49, 50

I

impacto, 51, 58, 72, 80, 89
implicações, 7, 8, 10, 13, 14, 15, 18, 35, 51, 52,
56, 57, 59, 63, 65, 68, 74, 79, 84, 87, 88, 98,
102
internet, 14, 24, 30, 31, 40, 47, 63, 76, 89, 92,
93, 94, 95, 96, 97, 99, 103
isolamento social, 6, 7, 10, 13, 14, 15, 18, 19,
45, 52, 54, 56, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 75,
76, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 92, 98, 100, 102

P

pandemia, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 18, 19, 22, 35,
40, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55,
56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68,
69, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 96, 98, 99, 100,
101, 102, 104
pedagogia, 6, 13, 14, 17, 20, 22, 35, 41, 42, 45,
51, 68, 71
pesquisa, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 18, 19,
21, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 35, 37, 39, 41, 42,
43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 56, 57, 60, 61,
62, 63, 64, 66, 67, 74, 75, 77, 78, 80, 82, 84,
88, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 104, 105, 107, 108
políticas públicas, 13, 14, 15, 16, 18, 27, 28, 51,
52, 53, 54, 55, 56, 65, 67, 68, 69, 76, 80, 96,
104, 106
processo formativo, 15, 17, 18, 19, 27, 30, 31,
35, 36, 39, 45, 48, 60, 88, 89, 90, 91, 93, 97,
98, 99, 100, 101, 102, 103

R

recursos tecnológicos, 15, 89, 91, 93, 101, 103
renda, 10, 13, 14, 15, 18, 25, 46, 47, 54, 55, 61,
66, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 83, 84,
85, 86
rotina, 6, 7, 13, 15, 22, 35, 36, 43, 44, 45, 46,
47, 49, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 83, 91, 100

S

saúde, 10, 15, 17, 18, 19, 24, 46, 47, 51, 52, 53,
54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 69, 70,
72, 75, 76, 78, 81, 83, 85
sociedade, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 17, 18, 21, 25, 36,
37, 38, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54,
57, 60, 64, 67, 68, 73, 85, 89, 97, 104
socioeconômico, 14, 17, 18, 31
socioeducacional, 8, 64, 84

T

tempo, 6, 8, 16, 17, 19, 21, 22, 24, 27, 40, 42,
43, 44, 46, 47, 65, 73, 74, 80, 81, 83, 93, 94,
97, 100, 101

U

UFPA, 8, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23,
24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36,
37, 38, 40, 42, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 59,
60, 61, 62, 64, 66, 71, 75, 77, 78, 79, 80, 82,
99, 102, 105, 106, 107, 108
universidade, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 19,
21, 22, 27, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39,
40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 63,
64, 80, 85, 91, 95, 97, 98, 102, 105



ID **JOÃO BATISTA DO CARMO SILVA**

Doutor em Educação na linha de Políticas Públicas Educacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (2016). Mestre em Educação pela UFPA (2009). Especialista em Educação Ambiental pela UFPA (2004). Pedagogo pela UFPA (2003). Professor adjunto II da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), vinculado à Faculdade de Educação. Eleito para a Direção da Faculdade de Educação

do Campus de Cametá – UFPA para o período de 2017-2019 e reeleito para o período de 2019-2021. Já atuou como Coordenador Pedagógico na SEMED – Cametá (2003-2004), Coordenador do Campus Universitário do Tocantins – Cametá - UFPA (2004-2006) Coordenador de Integração Regional (COINTER) da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) - (2008-2010), Coordenador de Área da Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência -PIBID (2012-2013) (2020-2021), Coordenador Local do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR – Campus de Cametá – UFPA (2016-2017), Professor-orientador do Programa Residência Pedagógica (2018-2020). Coordenador do Curso de Especialização Gestão e Planejamento. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPTÉ-UFPA), Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. Membro da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Coordena o projeto de Pesquisa: "DA ESCOLA PÚBLICA À UNIVERSIDADE PÚBLICA: acesso e permanência nos cursos de graduação do Campus de Cametá – UFPA". Coordena o projeto de Extensão "Programa de Formação de Conselheiros Escolares das Escolas Públicas de Ensino Médio da Região do Baixo Tocantins" e o Projeto de Extensão "Cursinho Popular Paulo Freire: uma construção coletiva e solidária para o acesso à universidade". Realiza pesquisa na área de Trabalho e Educação, Universidade, Gestão da Educação Básica e Superior e Educação Popular. Autor do livro "Universidade e Trabalho na Amazônia" e organizador dos livros "Ensino Médio Integrado na Amazônia: Entre o investido e o desinvestido", "PARFOR: Práxis Amazônicas na formação de professores da Educação Básica", entre outros. Contato: jbatista@ufpa.br.

ISBN 978-658831907-9



9

786588

319079

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br